

AS ARTES PLÁSTICAS

Nos últimos anos do fascismo reinava, entre os ricos, grande euforia na especulação económica, existindo uma situação que continha já em si o germen da actual crise económica do capitalismo português e mundial.

Enriqueciam, cada vez mais, os latifundiários grandes monopolistas e lacaios destes, os tecnocratas das administrações das grandes empresas. Desejando dar-se o ar de "cultos" e ao mesmo tempo realizar investimentos rentáveis, os piores exploradores do nosso povo passaram a ter por sua conta numerosos artistas plásticos, constituindo a base social de apoio de um próspero "mercado artístico".

Aos "pequenos" mecenas juntavam-se os grandes: a Fundação Gulbenkian e o aparelho de propaganda fascista centralizando no SN de "Informação". Apenas eram acarinhados pelo SN "I" aqueles artistas, cujas obras eram inofensivas ou louváveis, do ponto de vista do regime deposto a 25 de Abril de 74. A maioria dos artistas que aceitaram as ajudas de tal Secretariado eram, de facto, lacaios do regime fascista e envenenadores da opinião pública.

Para além destes casos extremos, muitos foram os artistas corrompidos pelo comercialismo, abusando de efeitos estéticos, há muito descobertos, muitas vezes importados, mas de aceitação garantida no mercado. Até a obra dos mais honestos era um objecto, cujo valor se media em contos de reis, dependendo das flutuações causadas pela especulação das muitas "Galerias de Arte" e "Marchants".

Poucos tentavam ligar a sua arte à luta popular contra o fascismo e o capitalismo e os que o faziam eram perseguidos e isolados. José Dias Coelho, escultor comunista assassinado pela PIDE, é símbolo de todos os artistas plásticos que ousaram integrar-se no movimento do povo contra o fascismo, como artistas e militantes.

O capitalismo irrigava a arte de elite com o falso sangue de milhares e milhares de contos, afastando-a das funções predominantemente expressivas e comunicativas reclamadas por



todas as correntes artísticas.

Entretanto, o povo lá ia fazendo a sua arte, sobretudo nos campos, onde a cultura burguesa não chegava. Em Trás-os-Montes e no Alentejo sobreviviam formas de expressão plástica ligadas à decoração da habitação, ao trabalho e às festividades.

Por outro lado, nas zonas suburbanas, alastrava uma arte predominantemente pequeno-burguesa, inculcada pela propaganda dominante, baseada na exuberância e artificialismo das cores e formas (uma imitação barata dos objectos dos ricos), na reprodução de paisagens idílicas capazes de fazer esquecer a dureza do quotidiano, e imagens estereotipadas e publicitárias, inocentemente pornográficas, do tipo dos calendários da Firestone.

A CRISE NA ARTE BURGUESA

Com a ofensiva popular posterior ao 25 de Abril entrou em crise o capitalismo monopolista e, com ele, a arte apoiada pela alta burguesia, ao passo que se fortalecia uma alternativa revolucionária no campo das artes plásticas.

Fugiram para o estrangeiro milhares de capitalistas e altos tecnocratas, paralisando o mercado de obras de arte, assim privado dos melhores clientes. Declaram falência muitas "Galerias de Arte" e deixam de produzir os artistas plásticos que apenas faziam obras de arte para as venderem.

Tentaram estes artistas colocar o "produto" nos mercados internacio-

nais, sem grande êxito devido à crise do capitalismo a nível mundial, e porque o Estado não incentivava a saída de obras de arte para o estrangeiro, onde elas poderiam ser vendidas a pretexto da tão falada "abertura à Europa". Por outro lado, nunca os responsáveis governamentais canalizaram fundos para as artes plásticas, que permitissem superar a crise da arte burguesa.

A Fundação Gulbenkian continuava a dar subsídios a artistas individualizados, como antes fazia, com uma regularidade impressionante.

Mas os subsídios da Gulbenkian não poderiam de forma nenhuma substituir a maior fonte de receita destes artistas plásticos enfeudados ao modo de produção capitalista no campo da arte: as vendas. Por isso, os artistas plásticos, que não têm convicções socialistas, aspiram à "normalização" do mercado, que está já em vias de se concretizar em Abril de 77.

Criou-se, após o 25 de Abril, um certo tipo de comunicação entre o artista plástico e as massas populares, demagógica e ocasional, materializada na execução do painel "colectivo" do 25 de Abril e outras iniciativas congéneres, que passaram rapidamente "à história", sem que se tenha reflectido numa real democratização desta forma de cultura.

Passados três anos, aparece-nos a "Alternativa Zero", iniciativa integrada num certo espírito de "arte aberta", ou "pôr a arte em causa", mas que ilustra apenas um isolamento, cada vez maior, dos artistas que nela participaram, em relação às classes trabalhadoras, isolamento que acaba por conduzir a uma "conceptualização", sinónimo de elitização, cada vez maior. Esta "Alternativa" resume-se à sua falta de alternativa, no campo das artes plásticas, no momento presente.

Símbolos como o cravo vermelho encontraram até na arte mais formalista, após o 25 de Abril, misturados com milhares de outros símbolos, que escondiam atrás das suas cores e formas vistosas, o vazio ideológico. Poucos artistas, dos que podemos encontrar nas exposições das grandes cidades, reflectiram realmente o 25 de Abril, pois a maioria pretendia apenas ser identificada com a nova situação.

Os diversos tipos de arte mais ou menos ortodoxamente alinhados nas várias correntes estrangeiras (abstraccionistas, Pop Art, etc.) continuam no posto de comando no campo das artes plásticas, baseadas no individualismo, na exploração, mais ou menos, mórbida do subjectivismo do artista, que se considera "acima" da luta de classes, "acima" e fora da compreensão do povo.

ALTERNATIVA REVOLUCIONÁRIA

Se analisarmos a evolução dos artistas plásticos que, hoje em dia, afirmam estar "ao lado do povo explorador nas suas lutas", verificamos que alguns destes artistas vieram já da luta clandestina, de antes do 25 de Abril, outros foram despertados para a luta revolucionária, pelas movimentações de massas, que se sucederam ao 1º de Maio de 1974.

Muitos deles forjaram o seu estilo nas necessidades concretas do movimento. A censura desaparecera e surgiam dezenas de jornais antifascistas que precisavam de ilustradores, enquanto milhares de cartazes de conteúdo ideológico conciso, concorriam nas paredes das cidades.

Não existe qualquer corrente de opinião ou organização política que não encontre os seus representantes também no campo das artes plásticas. Como forma de agitação e propaganda, foram executadas grandes pinturas murais, que colocaram a arte ao alcance de qualquer transeunte, que quisesse suspender durante alguns segundos a marcha do seu quotidiano.

Também os comícios e as sedes de partidos exigiam grande profusão de material estético, com conteúdo social e político compreensível pelas grandes massas, que as organizações pretendiam abranger. As grandes jor-



-¡Cobardes! ¡Asesinos!

nadas de luta como o 1º de Maio de 74, a manifestação de apoio do Documento do Copcon, a greve da construção civil em Novembro de 1975, deram a todos os participantes uma noção de grandeza ao mesmo tempo estética e histórica, inspirando fortemente os artistas que a ela se sentiam solidários.

Ao longo de toda a crise revolucionária vivida após o 25 de abril, os artistas progressistas foram ganhando experiência, tanto no campo da teoria e da prática revolucionária, como no seu ofício, fortalecendo-se assim uma perspectiva interventiva para as artes plásticas na vida social, na luta de classes, no combate pelo socialismo.

Parece-nos pois que, nas actuais condições concretas da sociedade e da evolução das artes plásticas em particular, a ligação do artista e das suas obras com as massas populares, em luta, deverá ser o critério para avaliar se uma obra de arte é ou não revolucionária, se a sua feitura representa ou não um passo em frente, por pequeno que seja, no caminho do socialismo.

Assim, as artes plásticas revolucionárias reflectem a vida do povo, as suas lutas e contradições, devendo ser pelo próprio povo assimiladas, sem o que corresponderão a uma corrente eléctrica interrompida.

Não basta, por outro lado, representar a vida e o trabalho do povo, pois também o nazi-populismo do Estado Novo se comprazia na representação "pitoresca" de pescadores, saloios e varinas. É necessário dar ao conteúdo da obra de arte um sentido revolucionário, indicando através dele a possibilidade e a necessidade de transformar o mundo, tendo em conta a forma de o fazer.

O artista revolucionário tem de conseguir a unidade da forma e conteúdo na sua obra. Para mudar a sociedade, não basta que a obra tenha um conteúdo político progressista, pois se não possuir qualidade artística perde a força de comunicação.

Pelo seu lado, a obra de qualidade artística mas com um conteúdo retrógrado ou politicamente mal formulado, vai beneficiar objectivamente a classe dominante.



João Rosa, Filipe Rocha Silva e
Manuel Vilarinho

O 25 DE ABRIL NÃO CHEGOU AO CIRCO



O 25 de Abril não chegou ao circo. Aliás, neste momento de tanta desilusão, não sabemos se não terá sido melhor. Fez-se uma cooperativa de Circo, que foi uma tentativa falhada de base, pois funcionou sempre como o patrão empresário. Tentou-se uma experiência, muito válida, de animação cultural, com um espectáculo de circo, que de Trás-os-Montes passou para a gaveta de um funcionário do Ministério da Administração Interna, para não servir de exemplo a mais ninguém. Um empresário de Circo mais ousado tentou e tenta ir às escolas e levar as escolas ao Circo, mas nem elas tinham o apoio do Estado para pagar um bilhete, mesmo reduzido, nem o Circo, com toda a sua boa vontade, pode nem deve trabalhar de graça. A tentativa de levar ao circo artistas progressistas e assim iniciar um intercâmbio ficou sempre no meio termo. Os grandes empresários de Circo continuam tão descaradamente a funcionar como o Vasco Morgado. O sindicato dos trabalhadores de espectáculo só denunciou a fraude da exploração capitalista do Circo do Gelo, depois deste ter saído de Lisboa e ter extorquido ao povo 30 mil contos. Projectos em que o Circo deixaria de ser uma exploração comercial, para ser uma actividade cultural, apresentados às entidades oficiais, foram sistematicamente recusados por falta de verba. A Televisão, depois de uma série, com dois profissionais de tudo menos de Circo, a fazer uma mistura entre palhaços e idiotas de manicómio apresenta programas que custam caríssimo e o dinheiro é do povo; o circo "Billy Smart" e as vedetas internacionais continuam a ser os únicos a ter direito a artigos na Imprensa. O direito ao pleno emprego não existe no Circo; empregados de pista continuam a ser menores, sem horários de trabalho e sem direito sequer ao salário mínimo; a segurança no trabalho não existe e a reforma é ridícula. O tipo de piada das parelhas de palhaço, embora falem em partidos e manifestações, continua a ser tão gratuito como antes. Não há escritores nem músicos que se lembrem de escrever ou compor para o circo; são mil e tal trabalhadores abandonados ao seu individualismo, à competição da sobrevivência, à sua falta de consciência de classe e formação política, sujeitos à exploração capitalista.

Do 25 de Abril ao Circo chegou um cravo de plástico...Cheira bem, heira a Lisboa...

ANTÓNIO ARMANDO COSTA: COMO VIVI O 25 DE ABRIL

Encontrava-me em Manchester, Inglaterra, a fazer um doutoramento em Pulsares, que bastantes dores de cabeça me trazia. E foi com uma grande dor de cabeça que acordei no dia 25 de Abril, às 10 horas da manhã.

No dia 24 tinha trabalhado até tarde. Andava à procura do melhor processo para o computador determinar os valores da função de Airy, a partir de uma tabela previamente calculada. Deitei-me cerca de uma da manhã, farto do computador, maldizendo o Airy, ignorando completamente que a essa hora o levantamento militar estava em marcha.

Quando levantei a cabeça do travesseiro e vi as horas que eram, vesti-me a correr, bebi o leite que o leiteiro me deixava todas as manhãs e abalei de Brook Court, Brook Road, em direcção à Universidade, aonde já deveria estar a trabalhar. Uma longa espera e, após uma relativamente curta viagem de autocarro, cheguei ao departamento de Astronomia, onde fazia as investigações.

A essa hora era o já caracteristicamente inglês "coffee time" (a hora do café). Quando as portas do elevador se abriram no sétimo andar do Schuster Laboratory, encontrei na minha frente o departamento em peso, com a caneca do café na mão. Ao ver-me, Mrs. Gorman, a bibliotecária, disparou:

— António, de que lado é que se encontra?

— O que se passa? — perguntei eu.

— Há um levantamento militar em Portugal, em Lisboa, e gostaríamos de saber o que é. — ripostou Mr. Carling, técnico mecânico.

— Bem, eu não sei, mas gostaria de saber — atalhei eu, começando a pensar numa edição melhorada do levantamento das Caldas.

— Olhe, como são onze horas, vamos ouvir o noticiário da BBC para sabermos o que diz. — sugeriu Mr. Carling.

As notícias, embora insuficientes, mostravam claramente o pendor progressista e libertador do Movimento das Forças Armadas. Corri ao Department of Computer Science, aonde se encontrava também a doutorar-se o meu amigo António Costa Dias Figueiredo, sobrinho do democrata Augusto da Costa Dias. Quando lá cheguei, comuniquei-lhe o que se estava a passar, do que ele já tinha uma ideia. O António estava duplamente contente, porque tinha sabido, nesse dia, que ia ser pai. À uma da tarde, hora da saída do Manchester Evening News, comprámos este jornal execrável, aonde poucas informações vinham.

Foi um dia em que a excitação me impediu de trabalhar. A alegria foi muito grande nos dias subsequentes, a BBC-Televisão e ITV-Televisão independente mostravam imagens detalhadas de um levantamento militar que o povo tomou nas suas mãos, pois desejava ser totalmente livre. Foram dias em que toda a gente queria saber coisas acerca de Portugal. Os ingleses, sempre circunspectos, fizeram muitas perguntas. A Imprensa mostrava a sua perplexidade pela evolução dos acontecimentos, pela determinação com que o povo português exigiu a prisão dos pides e a liberta-

ção total e completa das vítimas destes miseráveis tortionários. A manifestação do 1º de Maio deixou a Inglaterra muda de espanto. A derrocada do fascismo foi um terramoto (social) com epicentro em Portugal, que abalou a Europa.

De Abril de 74 a Julho de 76, quando regresssei definitivamente, muitas coisas se passaram neste país, com muitos reflexos além-fronteiras. No verão de 74, quando vim de férias, parti à descoberta de uma pátria livre, que muitos pretendiam voltar a agridoar. Depois, sucederam-se os períodos de dúvida: — se não seria melhor regressar, em vez de desenvolver a ciência; alternados com outros, em que aumentava a determinação de aprender mais, para mais conhecimento colocar ao serviço do povo. E, ao mesmo tempo que fazia um esforço para esclarecer a situação em Portugal junto dos camaradas ingleses, aproximou-se a data da apresentação da Tese. E nela coloquei a seguinte dedicação:

"To my portuguese People, now at one of the many crossroads of our Glorious History".

(Ao meu Povo português, agora numa das muitas encruzilhadas da nossa Gloriosa História)



A CANÇÃO DA GENTE

Há, como se sabe, vários tipos de canção, ou seja, vários tipos de obras, que se servem dos ingredientes palavra e melodia. É já tempo de desprezar, destruindo ou denunciando, atacando, aquelas que serviram e servem a ideologia dominante, alienando as capacidades artísticas das massas trabalhadoras, embrutecendo os seus tempos livres, onde o divertimento e distração devem ser inteligentes e progressivos. Claro que o mal deve ser cortado onde enraíza e o combate aos arautos da colaboração de classes ou aos trovadores da burguesia, não deve ser feito rasgando um poema, partindo a corda de mi, selando a boca daquele.

A vitória está na derrota das causas e não na das consequências.

Desta vez, vamos conversar um pouco e apenas sobre as canções importantes antes e depois do Abril'75 de 74. Chamo de importantes aquelas que, para além de formalmente terem ultrapassado a contradição palavra/melodia, atingindo um todo harmónico, uma síntese equilibrada, fundamentalmente cumpriram um papel de intervenção histórica, social, política.

O papel interveniente deste tipo de canção foi diferente antes e depois da célebre data.

Assim, em termos gerais mas exactos, parece-me, antes da queda do fascismo que o papel desta canção era um papel essencialmente subversivo, denunciador, de resistência, usando a metáfora, a elipse como técnicas possíveis. Nesta prática, duas linhas fundamentais se detectavam: a do exílio político (Branco e Godinho) e a da resistência intra-muros (Afonso e Adriano). A primeira onde a temática, linhas melódicas incluídas, era mais urbana e internacionalista; a segunda de cariz mais regional, popular e folclórico. Enquanto uma versava os grandes temas, a problemática geral, a outra imiscuia-se na luta de classes localizada, investia contra a repressão e as suas formas portuguesas. Uma longe do quotidiano sufocante, outra sufocada nesse próprio quotidiano. Ambas representadas por valores individuais, oriundos da classe média, valores de geração espontânea, Lopes dum país que não corre, vozes afinadas do grande coro antifascista, obras de cima para baixo, quase desenraizadas. Enfim o mistério da excepção, o contrário do cinema do país de então: mais realizadores que filmes!!

Com o advento do cravo, a intervenção da canção modificou o seu objectivo. A prioridade agora era a solidariedade, o apoio à luta dos trabalhadores, à sua causa revolucionária, mais a desmistificação dos oportunismos (tas), mais a ilustração musical e poética duma transformação em marcha.

E não me venham com a dúvida, aqui e ali, de que lado deve estar a canção. O artista popular, o intelectual revolucionário sabe-o sempre. Aprende com o povo, cumpre com ele, que é ele quem mais ordena. As fírias estão previstas, a canção corrige-se a si própria, é uma arma carregada de futuro, que antecede, sublinha ou comenta a luta.

A canção deste tipo passou a ser toda fabricada em Portugal e com o avanço do processo político os seus autores demarcaram-se. O tom passou a ter mais importância do que a cor. O tom passou a cor. Definiram-se opções, formaram-se coros, fecharam-se punhos, cerraram-se fileiras. As obras enraízam-se; nasceram, como as árvores, de baixo para cima.

Inevitavelmente neste turbilhão, muita gratuitidade apareceu e estabeleceu confusão. A reboque é fácil os lacaios se infiltrarem. Por assim dizer, adivinhava-se outro 25 de sinal contrário.

Hoje o verniz já besuntou tudo; o país musical é, outra vez, diferente. A rádio e a televisão ignoram, boicotam a produção musical revolucionária; o imperialismo reinstalou-se a seu belo prazer; o país perde a sua identidade musical popular e revolucionária; os sons dos companheiros em luta pelas mesmas causas, noutras pátrias, também eles se esbatem.

Mas a verdade de então, ainda hoje permanece válida. As vozes podem ser caladas, os vampiros podem comer tudo, os bombos podem ficar sem peles, as gaitas sem foles; mas como eliminar uma ideia, como banir um ideal revolucionário?

A luta do povo trabalhador continua.

Pois canté!

José Duarte

OS POVOS NO 24 DE ABRIL

ARGENTINA

O Plenário Nacional (Provisório) da FAPIR — Frente de Artistas Populares e Intelectuais Revolucionários — na sua reunião extraordinária de 11 de Abril de 1977 (tendo em atenção o avanço das forças de direita no nosso país):

1) Tomou conhecimento dos últimos dados da repressão que se abate sobre o povo Argentino e que coloca as autoridades deste país na vanguarda do nazi-fascismo pois que, para elas, o espírito revolucionário é “uma doença hereditária e transmissível” o que leva a uma autêntica matança de inocentes; a luta dos estudantes, pelo direito à cultura, é “a subversão precoce”; o saber condensado em livros deve ser destruído em autos-de-fé.

2) Manifesta o seu apoio a todo o Povo Argentino, todos os democratas e patriotas, que lutam pela liberdade, nomeadamente os intelectuais antifascistas perseguidos e em particular:

— A família Tarnolpolsky, raptada em bloco, e que, como num acto de magia, desapareceu dos registos oficiais;

— O meteorólogo Ricardo D. Chidichimo, que teve o mesmo fim;

— O físico Manuel Tarchysky, do centro Atómico de Beviluche, preso no dia 23 de Setembro de 1976, que sucumbiu à tortura, de que foi vítima três dias depois sendo abandonado o seu cadáver na via pública.

— Os sociólogos R.M.Toer e H.Alvarez Trafal, sadicamente torturados;

— O Padre Pablo Gazardi, que morreu assassinado na prisão, por introdução no anus dum rato esfomeado;

— O ginecologista Salvador Ackerman, raptado a 6 de Junho de 1976 e abatido por um “Esquadrão da Morte” que não perdoou o papel que este mártir teve na prisão do criminoso de guerra nazi Adolf Eichmann;

— O jornalista Dardo Cabo director do jornal “O descamisado” fuzilado a 16 de Janeiro, na companhia do seu confrade Roberto Pirls no pátio da prisão de La Plata;

e muitos outros desaparecidos, assassinados ou que jazem nas prisões do assassino general Videla.

3) Coloca-se à disposição do CALPAL — Comité de Apoio à Luta dos Povos da América Latina, para todas as acções que este comité decida levar a cabo, no combate contra este estado de coisas, e nomeadamente na defesa dos artistas e intelectuais argentinos em perigo de vida.

Tomemos como exemplo o nazi-fascismo de Videla para fazer gorar as tentativas de voltarmos à noite do 24 de Abril!

A ser enviado à Imprensa, Rádio e TV e ao CALPAL e ao Presidente da Assembleia da República.

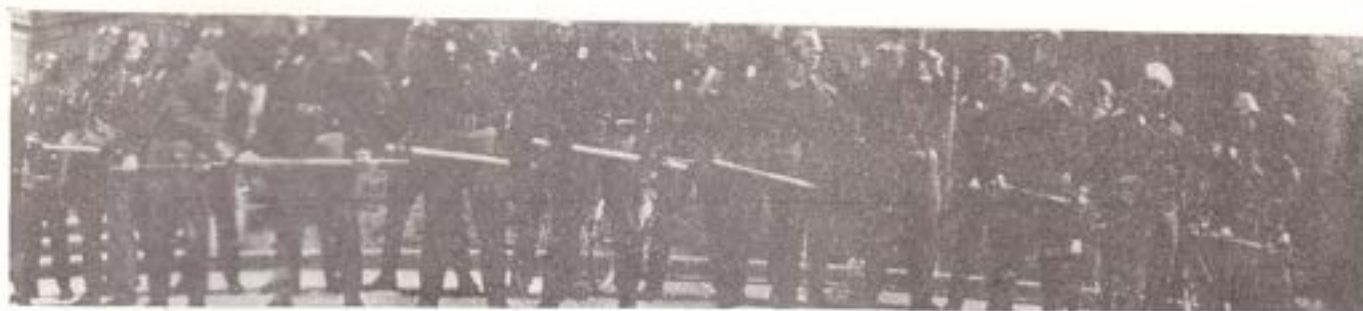
O Plenário Nacional (Provisório) da FAPIR

(Aprovado por aclamação).

SAHARA

No dia 20 de Maio passa mais um aniversário do desencadear da luta armada do povo do Sahara contra o colonialismo Espanhol. O Povo do Sahara está em luta sob a direcção da Frente Popular para a Libertação de Saguia El Hamra e Rio de Oro, vulgo Frente Polisário. O país do Povo Saharai é muito cobiçado pelas potências imperialistas pelas suas riquezas naturais: fosfatos, gás natural, petróleo, etc. O imperialismo, sedento de petróleo não pode permitir que os Povos autóctones controlem para seu benefício esta imensa riqueza. Ele lançou contra o povo Saharai, após a derrota do colonialismo espanhol os regimes corruptos de Marrocos e Mauritânia, que, evidentemente, serão destruídos pela derrota das suas manobras agressoras. Essa derrota ser-lhes-á imposta pela acção combinada da luta do Povo do Sahará com a resistência dos povos irmãos de Marrocos e Mauritânia.

O país de Saguia El Hamra e Rio de Oro, o Sahara, é um imenso país com uma população pouco densa. Os vários colonialismos pretendem, por tal facto, que o povo do Sahara é uma ficção, ou seja, não existe. A história, entretanto, mostra a falência desta doutrina. Gomes Eanes de Azurara, na sua Crónica dos Descobrimentos, ao falar da descoberta do Cabo Bojador, diz-nos que esta zona era habitada por um povo com as suas aldeias bem organizadas e submetidas às leis da sua organização sócio-política. Esta era baseada na família, que, ao juntar-se a outras com afinidades sanguíneas, forma tribos. Ao lado do chefe da tribo existia a Djemaa, que era uma assembleia deliberativa. As tribos guerreiras tinham, além disso, um conselho de guerra, o Ait Arbain. Em caso de conflito entre tribos existia um Ait Arbain comum a todas as tribos para a resolução de conflitos. Aqui, a mulher participa no trabalho, o que claramente distingue a sociedade Saharai da Sociedade Mauritânea. Assim, no Sahará, a mulher trata dos



Os 105 mil refugiados na Argélia têm programas de alfabetização, criam-se cooperativas de artesanato, grupos de teatro, grupos de folclore. O tribalismo é combatido. Por meio das emissoras, umas nas regiões libertadas e outra na Argélia, são radiodifundidos programas que ligam o ensino às tarefas da revolução e da construção do homem novo. Escreve-se a história antiga do ponto de vista das massas, e não do ponto de vista dos exploradores. As mulheres são também consideradas, eleva-se o seu nível cultural e ela colabora na guerrilha.

Assim com todas as carências, com as populações a serem bombardeadas com napalm como fazia o colonial-fascismo português nas ex-colônias, o Povo Saharaui constrói o seu "25 de Abril" até à vitória final.

A cabeça dos seus mártires, que o Povo jamais esquecerá, encontra-se El Uali Mustafa Sayed, secretário-geral da Frente Polisário. A luta do Povo Português contra o fascismo e o imperialismo, bem como a luta do Povo Saharaui e a luta dos Povos das ex-colônias são parcelas da luta geral dos Povos pela libertação e emancipação nacional. A luta do povo Saharaui e a luta dos povos Marroquino e Mauritano entregará o Magreb (norte de África) aos Povos que o habitam. Os nossos Povos cada vez mais esclarecidos das lutas que uns e outros travam estarão mais aptos a desferir golpes sempre mais fortes no Imperialismo inimigo comum!

VIVA A HERÓICA LUTA DO POVO SAHARAUÍ!

VIVA O MAGREB DOS POVOS! EM FRENTE COM UMA CULTURA AO SERVIÇO DO POVO!

(adaptado da intervenção do camarada António Armando Costa, pela FA-PIR, no comício de apoio à Frente Polisário, em Lisboa a 25 de Fevereiro)

As práticas anti-culturais do colonialismo espanhol são em tudo semelhantes às práticas do colonialismo português. Os Povos sob administração portuguesa não tinham personalidade cultural, reconhecida pelos colonialistas, e só aqueles elementos que completamente renegavam o seu povo, os "assimilados", eram reconhecidos como gente. Os outros, os "selvagens", como eram considerados, se se levantavam contra a exploração de que eram vítimas, eram destruídos.

As práticas de genocídio e destruição cultural não cessaram, antes se agravaram com a substituição da dominação espanhola pela agressão Marroquina-mauritana. Intensificaram-se linchamentos, massacres, roubo de bens do povo, expropriação forçada de bens, violação de mulheres. O Povo deixou de poder circular para além das cinco da tarde e dois familiares ou amigos não se podem cumprimentar se se encontrarem na rua. Ninguém pode ouvir emissora que não seja Marroquina ou Mauritana e o controlo é feito por patrulhas que verificam através das janelas, obrigatoriamente abertas, o que as pessoas estão a ouvir.

Os métodos de tortura também foram "melhorados", por exemplo, por meio de descargas eléctricas nos órgãos genitais, encontrando-se a pessoa sobre terra húmida. Mohamed uld Buerqui uld Hamudi foi lançado ao fogo e duas pessoas foram degoladas publicamente quando traziam os seus rebanhos à cidade para serem vendidos.

A esta política de genocídio junta-se a tentativa de impedir a afirmação da identidade nacional do Povo do Sahará. A Frente Polisário, legítima representante do Povo Saharaui, segue uma política diferente nos campos de refugiados que se encontram no território argelino, pois que a Argélia é a rectaguarda em que se apoia esta justa luta. É toda uma Cultura Popular que está em crescimento, partindo do princípio que a cultura nacional Saharaui é árabe, africana e muçulmana.

animais e na Mauritânia isso não é possível.

As tumbas que os Portugueses deixaram no Sahará mostra bem a determinação com que os Saharauis defenderam a sua terra dos invasores estrangeiros. Desde sempre, os invasores do Sahará sentiram a elevada consciência nacional de um povo que para eles "não existia". Os Portugueses só conseguiram estabelecer feitorias junto à costa, mas após a Conferência de Berlim em 1884, a Espanha ocupou o Sahará pela força das armas, por meio de acordos com as potências coloniais europeias. A Espanha retirou da mão dos Saharauis o controlo da sua imensa riqueza piscatória, bem como o controlo das riquezas minerais.

A política cultural do colonialismo espanhol baseou-se, como qualquer colonialismo, na destruição da cultura nacional Saharaui. Pretendeu-se criar um grupo de quadros leais ao colonialismo, que renegassem a sua cultura. Como era impossível dizer ao Povo Saharaui que "não existia", dizia-se que o Sahará seria uma sociedade atrasada, primitiva e sem passado histórico e que, se não fosse a Espanha, estaria condenado à destruição. A destruição do passado histórico de um povo, é também uma das condições necessárias à dominação colonial. O Árabe foi proibido no Sahará, não havia bibliotecas com livros árabes e todas as manifestações culturais foram proibidas.

Mas este não foi o único trabalho cultural do colonialismo. Da tese que o Povo "não existia", passou-se à prática de actos de genocídio. As prisões invadiram todo o país com as suas celas estreitas, péssimas condições, etc. e nelas foram colocados os melhores filhos do povo Saharaui. Os prisioneiros libertados em 17 de Junho de 1970 sofriam de doenças mortais. A agressão exercia-se ainda através de corpos do Exército formidáveis que incluíam a Legião Espanhola (Corpo Mercenário) e que se avalia em 50 mil soldados.

Grândola Vila Morena

Havíamos pensado, para este Boletim, prestar a nossa homenagem à canção, que se tornou o símbolo do 25 de Abril, através das palavras com que Zeca Afonso nos quisesse 'contar a história' de GRÂNDOLA VILA MORENA. O deficiente estado de saúde do pai da canção de Abril levou-nos a prescindir desse projecto.

Esta página, que lhe seria dedicada, julgámos de justiça preenchê-la, do mesmo modo, com a evocação, que é memória viva, de um poema e de uma música que, assumindo-se inteiramente como arte empenhada, alastram para um espaço político e assim se tornam património popular que, de norte a sul do país, sempre que alguém os entoa, trazem aos olhos do povo e aos de todos os verdadeiros democratas **as lágrimas de alegria** que nos é tão grato reviver.

Aqui fica pois a nossa homenagem a "GRÂNDOLA VILA MORENA", bem como os nossos mais sinceros e solidários votos de restabelecimento a Zeca Afonso, com os quais estamos certos de interpretar o desejo de todos os companheiros da FAPIR à qual, recordamos, também o autor de 'Grândola' deu, desde há muito, a sua adesão.

*Grândola vila morena
Terra da fraternidade
O povo é quem mais ordena
Dentro de ti ó cidade*

*Dentro de ti ó cidade
O povo é quem mais ordena
Terra da fraternidade
Grândola vila morena*

*Em cada esquina um amigo
Em cada rosto igualdade
Grândola vila morena
Terra da Fraternidade*

*Terra da fraternidade
Grândola vila morena
Em cada rosto igualdade
O povo é quem mais ordena*

*À sombra duma azinheira
Que já não sabia a idade
Jurei ter por companheira
Grândola a tua vontade*

*Grândola a tua vontade
Jurei ter por companheira
À sombra duma azinheira
Que já não sabia a idade*



ENTREVISTA COM



Boletim — Qual é o âmbito do vosso trabalho enquanto profissionais e quais os objectivos que querem atingir?

Bando — O fascismo, durante 50 anos, não desprezou o trabalho de influência no campo cultural através da TV, jornais, artes, letras, ensino, etc. Particularmente no ensino, sabemos que desde a escola primária, Salazar tentou incutir nos futuros trabalhadores, ideias erradas de submissão, de individualismo. O nosso grupo de teatro só poderia existir depois do 25 de Abril, porque, desde princípio, é um grupo que tem tentado propor às próprias crianças a sua capacidade de agir sobre aquilo que as rodeia, de modo colectivo e que isso não é só um dever mas um direito.

Orienta-nos sempre a ideia de estarmos ao lado dos pobres e uma vez que o Estado nos subsidiava, aceitamos todos os pedidos de organismos populares, C. Moradores, Bairros da Lata, aldeias, fugindo até à cidade. Desenvolvemos o nosso trabalho, não de acordo com as ideias que tínhamos enquanto adultos, mas de acordo com a realidade da criança, através de grupos de teatro de criança, que nós apoiamos, através da crítica e da correspondência.

Há que realçar que fazemos teatro de animação, porque pensamos que a criança não deve assistir ao espectáculo sem poder agir e intervir; daí as peças terem animação. Com as peças grandes e com muitas crianças, a animação torna-se mais difícil. As crianças intervêm e são um elemento activo dentro da peça; são elas que encaminham o rumo da história e avançam na resolução dos problemas. A animação é importante, a criança começa a raciocinar. O teatro é um jogo e ela pensa e não é passiva. É uma preocupação do teatro infantil.

Tentamos alertar para o perigo de peças de teatro, que apresentam soluções como os casamentos dos pobres com os principzinhos; a aparição de fadas que vêm resolver os problemas, que ninguém mais pode resolver, se-



não os próprios interessados; os desenhos animados americanos da TV, de agressividade mórbida e contagiante, as Heidis, que até dão a entender que não há luta entre explorados e exploradores, pobres e ricos, que todos podem viver bem, desde que vivam nas montanhas, em contacto com as flores e os animais.

Dinamizamos grupos de teatro em aldeias; pensamos que é aí que, com um grupo de crianças, é que vamos aprender. Começamos por criar histórias, e só depois vem a teatralização. Jogamos à bola, brincamos, só depois aparece um colectivo e avançamos para a história. É uma experiência muito rica para nós, há aí um contacto directo. Sabemos dos seus problemas e as suas soluções. O animador discute as ideias da criança, consegue ver o mundo infantil, como este concebe aquilo que vê e faz e que é diferente da dos adultos.

Há duas alternativas para um grupo com estas características: a 1ª é aquela que a maior parte dos grupos da burguesia faz, que é ter uma atitude passiva, nas suas salas. Concebem o produto e dão-no às crianças. A segunda atitude é ir para junto das crianças saber como elas agem, buscando a sua participação. Porque a criança é reprimida pelo adulto, que quer fazê-la à sua imagem. Nós defendemos a 2ª posição.

A burguesia tentou e continua a

tentar que a arte esteja desligada da vida e do trabalho produtivo. Existe arte no duro trabalho do homem no mar, no campo, na fábrica e na sua necessidade de se exprimir e confraternizar com os outros, experiências, derrotas e vitórias da sua vida.

Boletim — Até que ponto vocês têm sentido a necessidade de conhecimentos científicos, de pedagogia infantil, por exemplo, e até que ponto é que isso será fundamental para o vosso trabalho?

Bando — Informamo-nos, lemos, discutimos, estudamos a teoria, mas depois no trabalho com as crianças, deixamos os livros em casa. Não há nada que substitua a prática. Mais do que conhecimentos pedagógicos, interessa-nos saber quem servimos e que teatro devemos fazer para o povo. Temos, porém, entre nós, uma educadora infantil para o trabalho com crianças dos 5 aos 8 anos.

Boletim — Como é que articulam o trabalho teatral com o jornal "O Pião"?

Bando — Nos espectáculos sugerimos às crianças para nos escreverem sobre o que viram, e fazerem críticas ao espectáculo e sobre os problemas da aldeia, da sua região. A partir dos textos recebidos copiamos aqueles que julgamos melhores, segundo o critério da originalidade e aqueles que reflectam os problemas dos trabalhadores. Depois fotocopiámos para o

"Pião" a carta original, apontando os erros ortográficos e corrigindo-os no fim do jornal. Respondemos a todas as crianças. Damos a nossa opinião sobre o que elas escrevem.

Boletim — A que regiões pertencem as crianças, que têm sido mais receptivas ao vosso trabalho?

Bando — Crianças das regiões rurais. É dessas regiões que vêm 80% do material publicado. Nas cidades a criança é mais influenciada pela ideologia burguesa (Heidi, etc.) e a participação dela nos espectáculos tem muito de vedetismo, brincadeira pura e simples e slogans que ouvem, etc.

A criança do campo, quando participa, sabe brincar com as coisas sérias e projecta facilmente os seus problemas, porque é a sua vida. Tem maior imaginação, maior capacidade de avançar.

Na cidade, existe muitas vezes a tendência errada de pôr a criança fora dos problemas dos adultos, fazendo com que ela fique nos seus sonhos cor-de-rosa. A idade é secundária. O essencial é a origem de classe e o conhecimento da vida, que a criança tem.

Boletim — Quais os vossos problemas neste momento?

Bando — O Bando corre sérios riscos de desaparecer. Nós somos profissionais. Durante dois anos, vivemos com um salário de 6 800\$00, e agora há mais de dois meses que não recebemos nada. O trabalho para crianças, se queremos que não se transforme numa mercadoria como a Heidi, e se queremos dedicar-nos aos sectores mais pobres da população, temos que lutar para que a SEC, que não tem qualquer razão para cortar os subsídios, que dá subsídios, inclusivamente, a grupos que não cumprem as normas estipuladas pela SEC, nos dê o subsídio a que temos direito. Assumimos sempre a responsabilidade da atribuição de subsídio e entregámos sempre sem isso nos ser pedido, relatórios de contas e de actividade. Realizámos 456 espectáculos desde Outubro 74; dinamizámos 15 grupos de teatro para crianças, organizámos ou participámos em nove seminários de iniciação à animação com crianças, professores e membros de colectividades, etc. Temos direito a um subsídio digno, isto no caso da SEC querer promover trabalho para os mais pobres e não obras de prestígio para privilegiados da cidade. Nós estamos no desemprego neste momento, e sabemos que como nós se encontram muitas centenas de pessoas.

Boletim — O que pensam fazer?

Bando — Só podemos sobreviver se todos aqueles que viram o nosso trabalho e o consideram importante, nos contactarem e tentarem comprar os nossos espectáculos, através de organismos oficiais.



Boletim — Vocês, como aderentes da Fapir, o que pensam sobre o papel da Fapir?

Bando — Não temos dúvidas de que os artistas e intelectuais revolucionários, que querem lutar contra o pior inimigo do povo, o fascismo e o imperialismo; que querem colocar-se humildemente ao serviço das lutas do nosso povo, aprendendo com ele, no dia a dia— não têm outra alternativa se querem estar unidos, mais fortes— que se juntar à Fapir, alargando ainda mais— e verificar que é uma estrutura democrática e apartidária, onde todos

os honestos servidores do povo têm cabimento.

Por outro lado, dentro da Fapir, muitos camaradas há, que ainda não compreenderam o que é ser profissional de teatro. Ainda não compreenderam que é da venda dos nossos espectáculos que poderemos continuar a subsistir. Que é da venda dos nossos espectáculos que poderemos dar de comer aos nossos filhos. Pessoas há, que se escandalizam quando pedimos dinheiro por um espectáculo, mas não tomam a mesma atitude quando lhes dizemos que, sem apoios, teremos que parar.

25 de Abril

Antes do 25 de Abril existia o Fascismo e por isso não deixavam comemorar o 1 de Maio, porque é o dia dos trabalhadores, e porque os fides não gostavam dos trabalhadores. Os fides não deviam ser tão maus como eram. Os fides deviam ser todos fugilados.

Porque faziam mal às pessoas. Os trabalhadores revoltaram-se contra o Fascismo e então eram presos e torturados pelos fides. Algumas torturas que os fides faziam era a tortura em que prendiam as mulheres e queimavam os bicos dos peitos das mulheres, outra tortura era em que os fides não deixavam as pessoas dormir e se as pessoas começavam a dormir e eles batiam-lhes logo, estas foram algumas das torturas que os fides faziam aos trabalhadores.

Depois disto tudo é que começou o 25 de Abril e melhorou o País.

Agora ainda não acabou o Fascismo.

1º DE MAIO

A todos
que caminhais pelas ruas
e parais as máquinas e fábricas.

A todos
que desejosos de chegar à nossa festa
com os ombros carregados de trabalho.
Saí ao Primeiro de Maio
ao primeiro dos maio!
Acolhamo-lo, camaradas,
com a voz estreada de canções.
Primavera minha,
derrete as neves!
Eu sou operário,
este Maio é meu!
Eu sou camponês,
este Maio é meu!

A todos
estendidos nas trincheiras
esperando a morte infinita.
A todos
que de um blindado
apontais contra vossos irmãos,
hoje é Primeiro de Maio.
Vamos ao encontro do primeiro
dos nossos maio,
entrelaçando as mãos proletárias.
Calai o vosso latido, morteiros!
Silêncio, metralhadoras!
Eu sou marinheiro,
este Maio é meu!
Eu sou soldado,
este Maio é meu!

A todas
as casas, praças, ruas
encolhidas pelo gelo invernal.
A todos
famintos de fome
estepes,
bosques,
campos.

Saí neste Primeiro de Maio!
Glória ao Homem fecundo!
Transbordai nesta Primavera!
Verdes campos, cantai!
Ressoai, apitos e sirenes!
Eu sou de ferro,
este Maio é meu!
Eu sou de terra,
este Maio é meu!

V. MAIAKOVSKY